NOSSOS MESTRES

# O caminho do cálculo perfeito

Fundador de um dos mais conhecidos colégios de Brasília, Toshio Nakamura formou gerações de estudantes. A paixão pela matemática se reflete em vocação para ensinar a disciplina

» MARIANA NIEDERAUER

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

**Mesmo com o cargo de direção, Toshio segue dando aulas e é ele quem faz todas as apostilas de matemática do Galois até hoje**

Referência no ensino da matemática em Brasília, o professor Toshio Nakamura, 67 anos, coleciona sucessos na carreira e tem no currículo gerações de estudantes formados. Com mais de 40 anos de profissão, permanece em sala de aula até hoje, com seis turmas do ensino médio. Por onde passa encontra alunos para os quais lecionou e já houve até quem disparasse: "Professor, o senhor deu aula para o meu avô".

Nascido em Marília (SP), Toshio é filho de imigrantes japoneses. O pai, Itiro Nakamura, era da cidade de Wakayama Ken e morreu aos 101 anos. A mãe, Fumiko, era de Tóquio e viveu até os 71 anos. Os dois migraram para o Brasil ainda na adolescência, e se conheceram em São Paulo, onde tiveram oito filhos.

Dona Fumiko "puxava a orelha" dos sete por conta das atividades escolares, como lembra Toshio. "Minha mãe sempre deu muito valor aos estudos", conta. Quando chegava a vez dele, no entanto, a surpresa era outra: todas as tarefas estavam concluídas e o menino tinha ido além do solicitado. "Ela tinha que, às vezes, mandar parar de estudar. Era uma coisa curiosa", diverte-se. "Eu não queria ser o aluno intermediário. Sempre quis ser, se não o primeiro, pelo menos o segundo lugar."

"Eu era o aluno, o menino, o filho diferente. Estudava sem que ninguém me mandasse. Gostava mesmo de estudar. Desde pequeno eu gostava, principalmente, de matemática e física. Só para você ter uma ideia, quando começavam as aulas eu já tinha estudado toda a matemática e a física sozinho, nas férias", relembra. Apesar de falar japonês, nunca esteve no país de origem dos pais.

## Vocação

Desde o ensino médio, Toshio notava uma vocação para o ensino. À época, não só a matemática, mas outras disciplinas que dominava entravam no repertório de temas que ele ajudava os colegas a desvendar. "Fiquei com aquilo na cabeça: 'Eu vou ser professor'", sonhava. A família não colocou fé na escolha, achou que o retorno financeiro da carreira não seria bom.

Toshio conta que, em sua época de estudante, três cursos eram valorizados. "Um aluno que era dos melhores da escola, como era o meu caso, em geral tinha três caminhos a seguir: ou ia para medicina, ou ia para engenharia, ou ia para o direito", afirma. Ele cedeu à pressão familiar e passou nas primeiras colocações do vestibular, para o curso de engenharia elétrica da Universidade de Campinas (Unicamp), em 1977.

"Quando cursei os dois primeiros anos, eu achei uma maravilha, porque basicamente era matemática e física, e alguma coisa de química. Então, achei o curso muito bom. Mas quando entrei no 5º semestre, percebi que não era aquilo que eu queria", relata. Nesse momento, notou que precisava seguir seu desejo e decidiu trocar de curso. "Larguei a engenharia elétrica e, na universidade mesmo, passei a fazer matemática."

Depois de formado, passou um período em Goiânia, na casa de